

ALTINO DO TOJAL  
HISTÓRIAS DE MACAU



BIBLIOTECA DE **AUTORES**  
**PORTUGUESES**



*Título:* Histórias de Macau

*Autor:* Altino do Tojal

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Revisão:* UPO/PLP/MRC

*Capa:* Escultura de Hua Tu, famoso médico do período chinês dos Estados Guerreiros (480-222 a. C.), pioneiro da acupunctura e a quem se atribuem êxitos notáveis no domínio da cirurgia.  
Museu de Arte de Macau

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1826-4

*Depósito legal:* 300 832/09

- 1.<sup>a</sup> edição: Edições Rolim, 1987.
- 2.<sup>a</sup> edição: Novosmeios 1991.
- 3.<sup>a</sup> edição: Campo das Letras, 1998.
- 4.<sup>a</sup> edição: a actual.

*Um a um, como diapositivos, projectam-se, numa escrita ritmada, todos os recantos, encantos e desenganos desta pequena cidade flutuante, com os seus movimentos tectónicos, as suas rivalidades, as suas mesquinhezas, os seus fascínios e os seus vazios. Não houve personagem ou postura quotidiana que Altino do Tojal não adaptasse, reduzindo-as à quadratura que é o círculo provinciano, com matiz colonial, tão bem sintetizada no «Fado», onde todos se conhecem porque todas as figuras são públicas, omnipresentes e polivalentes e onde, ainda, a posse não é palavra oca, mas antes grito aguerrido, gerador de intrigas e de acesos conflitos. O padre Alecrim — o último resquício do movimento missionário que durante séculos desembocou no Oriente — é talvez o personagem que melhor tipifica este status. Ao narrar as suas longas e intermináveis histórias não se abstém da severa e dura crítica, enfim, da «tentação da má língua», que o poderia mesmo levar a «dizer mal de meia Macau», uma vez que o seu limite está em «meia hora de conversa virtuosa».*

*O local que melhor o reflecte — porque ponto de encontro da comunidade portuguesa de arribação — é o Clube Militar. Lá tudo se sabe, de tudo se fala. Personifica, na globalidade, a persistência dos auto-isolados portugueses deste Oriente de que se distanciam quotidianamente. Contraponto de uma peça musical que nunca chegará a ser sinfónica, vemos entrelaçarem-se situações e simultaneidades divergentes-coexistentes, mas correspondendo a universos que apenas se cruzam tangencialmente, caracterizados por Altino do Tojal com adequados ritmos de escrita. Através deles reafirma-se um verdadeiro maestro da prosa, espectacularmente conseguida no «Grilo do Pi».*

*«Documento Encontrado no Lixo» sintetiza e reflecte a capacidade de descentração do autor ao redigir um testemunho «chinês» sobre a presença e vivência dos portugueses em Macau. Por seu turno, o chinês de Macau como que faz parte da paisagem. Seja ele o paciente «Pescador» ou «Ping-Pong», «futura vedeta dos ecrãs e nosso artista exclusivo», de volta às vielas e malgas de arroz após a contracenação cénica com os «homens vindos de longe».*

*A estrutura deste livro de contos é a do romance. Na sequência, no crescendo, nos ritmos e na polarização reflectida no paralelismo entre a abertura e o fecho da narrativa — duas viagens de táxi, a partida e o regresso. Na primeira, prognostica-se classicamente que a catarse será consumada pela viagem através da qual se processará o reencontro e a identificação do «herói»/protagonista/narrador consigo próprio, uma vez confrontado com outra realidade. É a eterna busca do novo. Na segunda, a expectativa inicial e a atracção pelo desconhecido permanecem no inconsciente colectivo, mas apenas ao nível mítico. Nem o taxista conhece a realidade de que fala, ao contrário do primeiro, nem houve catarse nenhuma, mas, antes, um perpetuar das próprias desilusões.*

*Apenas uma nota de ternura positiva, uma boa recordação permanece para além desta leitura no encanto que subsiste ao conto «As Minhas Aulas de Chinês».*

*Apesar de tudo o que se disse, a prosa de Altino do Tojal não deixa de ter a marca do que foi a sua própria vivência em Macau. A bitola é a sua, tal como a luneta... Interiorizou, apreendeu, filtrou e, felizmente, não retratou. Fê-lo de passagem, tal como todos nós, povo, de há quatrocentos anos a esta parte, apesar do convívio e de alguma interpenetração racial, cultural, social, comercial, mental, política e... quotidiana.*

TEREZA SENA

*Diário de Notícias, 23 de Abril de 1989*

## TÁXI

— Conheço bem essas terras — diz o taxista que me transporta ao aeroporto da Portela pelas movimentadas ruas de Lisboa, quando, satisfazendo a sua curiosidade, lhe revelo o meu destino. — Fiz a tropa em Macau há vinte e tal anos. Ainda hoje puxo as orelhas por não ter lá ficado, como fizeram o Saludes, o Alcides e outros rapazes do meu tempo. O Saludes montou um restaurante em Coloane e parece que vive feliz com uma chinesa. Aquilo é outro mundo.

Guarda um silêncio reminescente.

— De avião a viagem faz-se em menos dum dia, mas nós fomos de barco, é claro, passámos semanas no mar — prossegue, baixando a voz do rádio para melhor fazer ouvir a sua. — Lembro-me bem do desembarque, com enxames de juncos e tancares à volta do navio. Tancares são uns barquitos geralmente tripulados por uma mulher, que os impele com um comprido remo, de pé, às vezes com um filhinho às costas. Aquela gente faz muita vida nesses barquitos, onde se vende de tudo. Havia tancareiras bonitas. Lá estavam elas a ver a tropa desembarcar, mimosas, com os seus risos envergonhados... O Saludes arranjou logo uma, a tal com quem veio a juntar-se. Eu também acabei por me governar. A minha era menos bonita, mas tinha um não-sei-quê muito especial. Portei-me como um bom sacana, fartei-me de lhe fazer promessas; sim, acho que fui um bocado porco. Regressei a Portugal, casei-me com uma

costureira de Odivelas, já tenho netos, mas aquela chinesa nunca mais me saiu da consciência. Esteja eu onde estiver, vejo sempre os seus olhos magoados e acusadores.

Já se avista o edifício do aeroporto à luz forte do meio-dia.

— O senhor vai trabalhar para Macau?

— Não.

— Ah, vai passear...

— Acho que também não.

O taxista olha-me com estranheza pelo retrovisor. Para quê dizer-lhe que numa das últimas noites sonhara com Macau, que ao acordar verificara ter dinheiro suficiente para lá ir e que então fizera sonambulamente a mala, a fim de arrastar por outras paragens o meu gélido desencanto, este crescente fastio de viver?

— O senhor, não sendo novo, também ainda não é velho — torna ele. — Devemos regular pela mesma idade. Seja o que for que o leva tão longe, garanto-lhe que no seu lugar eu não voltava. Macau é outro mundo; lá até a mais pobrezinha das chinesas tem distinção, maneiras. Estraguei a vida ao vir-me embora; devia ter ficado lá com a minha chinesa, como fez o Saludes. Agora nem sou feliz em casa nem me agrada o trabalho. Nesta profissão não faltam chatices. Nunca se sabe quando trazemos no banco de trás um marginal disposto a encostar-nos uma navalha ao pescoço, a horas mortas, aí num ermo qualquer. O senhor não leu nos jornais que ainda aqui há dias meteram duas balas na cabeça dum colega meu, lá para os lados do Monsanto? E para quê? Para roubar meia dúzia de tostões... Profissão desgraçada, esta. O pior de tudo é que ainda me chateia mais estar em casa com minha mulher. O lar devia ser um descanso, uma trégua para enfrentar os perigos da rua com renovado ânimo. Mas não. Só discussões, gritaria, pratos partidos. E no fim de cada cena, desanimado, com os nervos em franja, ponho-me a pensar naquela chinesa. Fui sacana, fui

porco, e ela, sem o saber, está a vingar-se bem. Sim, que o inferno lá de casa tem algo a ver com a minha má consciência... Olhe, senhor, se calhar de ir ao restaurante do Saludes, em Coloane, fale-lhe do Ruivo.

Chegados ao aeroporto, o Ruivo abre o porta-bagagens, entrega-me a mala. E com tristeza na voz:

— Desejo-lhe boa viagem. Quem me dera ir no seu lugar... Não voltava mais!



## O JAPONÊS

Procedente de Roma, o avião fazia escala em Nova Deli, Bangkok e Hong-Kong, antes de chegar ao seu destino: Tóquio. Eu ficava-me por Hong-Kong, onde tomaria o barco para Macau.

Na classe turística viajavam sonolentos hindus, com os seus turbantes e as suas barbas; viajava um cidadão britânico, concentrado na leitura do *Guardian*; viajavam tailandeses; viajava uma freira idosa mais um garotinho; viajavam, sobretudo, japoneses. Ao contrário dos hindus, os japoneses — homens e mulheres — tagarelavam com vivacidade, alguns deles semi-voltados nos seus assentos. De faces muito brancas e lábios muito vermelhos, as japonesas mais novas pareciam bonecas. E, tagarelando, todos aqueles filhos do País do Sol Nascente chupavam incessantemente caramelos.

Todos?... Não. O Japonês sentado a meu lado não tagarelava nem chupava caramelos.

Mal o avião começara a rolar na pista do aeroporto de Roma, ganhando alento para a descolagem, esse japonês benzera-se. Os seus beiços grossos papeavam rezas e os seus dedos rudes desfiavam as camândulas dum formidável rosário. Lá subia ele, com o cinto de segurança bem apertado e os olhinhos estreitos quase cerrados de emoção; sim, lá subia, aquele asiático ainda na força plena da adultez, pronto a oferecer tamanho martírio ao engrandecimento da fé.

Para ele terá havido martírio; catástrofe não houve para ninguém. O avião demandava solidamente a região das nuvens, ia-as deixando já muito para baixo. Os cintos foram desapertados, acenderam-se cigarros. A meu lado, respirando fundo, o Japonês descalçou os sapatos — uns enormes sapatos. Era alto, ossudo, de rosto comprido e desdenhoso; vestia fato escuro e tinha gravata também escura numa camisa de colarinho revirado. Pôs-se a limpar as lentes dos óculos, humedecendo-as com o bafo; em seguida examinou detalhadamente a sua máquina fotográfica, com o apreço quase infantil que os orientais manifestam pelas máquinas fotográficas. Como referi, o Japonês descalçara os sapatos. Numa das peúgas escuras havia um buraco onde assomava o dedão. Talvez eu estivesse predisposto para antipatizar com o homem, mas a verdade é que o cheiro vindo daqueles pés não me parecia saudável.

Passou uma hospedeira com um maço de jornais. Atraente italiana!

— *Daily Telegraph*? — propôs, com um sorriso esplendoroso. O Japonês desviou o rosto cavalhar, a repelir, numa moleza de fastio, num enjoado desdém.

— *L'Osservatore Romano*! — petardou, com secura. Iluminou-se ainda mais esplendorosamente o belo rosto da hospedeira.

— Bravo, senhor! — aplaudiu, entregando-lhe um exemplar do órgão do Vaticano.

Resmungando qualquer coisa na sua língua, o Japonês meteu a máquina fotográfica no estojo, limpou uma vez mais as lentes dos óculos e mergulhou na leitura. Mergulhou?... Oh, não! Devia considerar aquelas notícias indignas da sua grã-exigente atenção, pois lia-as com desdenhosa indulgência. Nem os ecos ainda frescos do assassinato dum político qualquer pelos extremistas das Brigadas Vermelhas pareceram interessá-lo, tanto assim que mal deteve os olhinhos no retrato da vítima. De vez em quando via-o levar dois dedos à cabeça, seleccionar

pelo tacto uma porção de cabelos sebosos e retesá-los até à ponta do nariz, arrumando-os depois, muito esticados, na face esquelada. Mais para encorajar diálogo do que por qualquer outra razão, perguntei-lhe, passados três quartos de hora, se me emprestava o jornal.

— Não! — respondeu.

Dobrou-o bruscamente, guardou-o na bolsa do assento e bocejou com magnífica desenvoltura, como se estivesse na selva. Boca enorme, dentes podres, mau hálito. Vi-o sacudir a cabeça como um animal bravo e pentear os cabelos sebosos para trás — operação executada devagar, com esmero. Voltou a limpar os óculos. A certa altura da limpeza, os seus olhinhos nus e — assim me pareceu — cruéis, examinaram-me demoradamente de viés, sem amizade nenhuma. Aborreceu-me a insistência daquele olhar anavahante. Que mal lhe fizera eu? Ah, a janela! Talvez o Japonês cobiçasse o meu lugar à janela...

— Quer trocar de lugar comigo? — propus.

— Não!

Veio a primeira refeição. O Japonês cheirou os alimentos. Desagradavam-lhe, era evidente. Mesmo assim comeu tudo. Mastigando com ruído, olhava às vezes para o meu tabuleiro, suspeitosamente, a ver se continha produtos que não figuravam no seu. Ouvi-o ralar à hospedeira do sorriso esplendoroso, que se esquecera de lhe perguntar se queria café. Servido o café, bebeu-o em pequenos sorvos, resmungando. Quando o aliviaram do tabuleiro, retirou do estojo a máquina fotográfica e inspeccionou-a outra vez, minuciosamente, a curta distância dos óculos.

Fizera-se noite. O avião perfurava as trevas, ao som monótono do jacto. Calculei que sobrevoávamos o Iraque. No negro abismo pestanejou uma luz isolada. Foram surgindo dez luzes, cem luzes, mil luzes. Já milhões de luzes tremeluziam, deslumbrantemente, uns quilómetros ao fundo. Mas as luzes voltaram a ser milhares, a ser centenas, a ser dezenas.

Pestanejou uma luzita isolada e depois prevaleceu a escuridão unânime. Deixávamos para trás uma grande cidade. E não estaríamos porventura sobrevoando agora os pobres restos de Babilónia — os tijolos esboroados das ambiciosas torres de escadarias ajardinadas por onde noutra era subiam em procissão os deuses de que fala a *Bíblia*? Talvez o Japonês pensasse no mesmo. Esguelhei uma olhadela para ele. Fazia um chapéu com o *L'Osservatore Romano*. Pô-lo na cabeça e assim ficou, com expressão carrancuda.

Ia ser projectado um filme. O Japonês repeliu com brusquidão os auscultadores que a hospedeira do sorriso esplendoroso lhe oferecia. Às primeiras imagens, enfiou os pés nas pantufas de bordo, embrulhou-se numa manta, baixou o recosto do assento, orou pelo seu formidável rosário, pôs nos olhos uma venda preta, ajeitou na cabeça o chapéu de papel, virou-me as costas e adormeceu com roncões poderosos.

Também eu adormeci. Sonhei que subia os gastos e intermináveis degraus da altíssima Torre de Babel — tão alta que deixava para baixo as mais leves nuvens. Subia a custo, arquejando, com um molho de lenha às costas. Seguia-me uma procissão de seres inquietantes, que miavam orações. À frente dessa procissão vinha Nimrod, o grande rei-sacerdote. Nimrod tinha barba anelada, uma preciosa coroa na testa e, ao ombro, o sólido arco de matar leões. No cimo da torre fez um sinal. Dois servos ataram-me a um poste e chegaram-me a lenha aos pés. Aproximou-se Nimrod, a inspeccionar se eu estava bem atado e se a lenha estava bem seca. Desapareceram-me do rosto a barba anelada; tinha uma mitra de papel na cabeça, em vez da preciosa coroa; no ombro, uma máquina fotográfica ocupara o lugar do sólido arco de matar leões. Outra novidade: já usava óculos. Atado ao poste, vi-o ajeitar esses óculos no nariz e depois acender um fósforo. O lume crepitou na lenha seca. Então, densa fumarada ocultou os seres inquietantes; mas não ocultou Nimrod, que desatara a

## ÍNDICE

TÁXI .....	9
O JAPONÊS .....	13
UM PRIMEIRO OLHAR .....	25
COM A MORTE NA ALMA .....	27
AVENTURAS É COM ELE .....	35
OS DO FOGO .....	41
TURISTAS .....	45
DERRADEIRO REFÚGIO .....	77
CHAMINÉ .....	83
DE VIOLA ÀS COSTAS .....	91
PALÁCIOS E CASTELOS .....	95
O PRATO .....	115
LEONEL .....	119
DOCUMENTO ENCONTRADO NO LIXO .....	123
DO REMORSO .....	129
A MULHER QUE GOSTAVA DE PAGODES .....	131
HONG-KONG .....	141
AS CORES DA AMÉRICA .....	145
NOSSO ARTISTA EXCLUSIVO .....	149
SEMENTE DE CAMÕES .....	153
O MISSIONÁRIO .....	157
TUFÃO .....	165
O PESCADOR .....	167
UM CÁLICE DE SOL .....	169
O GRILO DO PI .....	173
FADO .....	201

VAI PURA .....	205
O REI DAS CALÇAS .....	207
ORVALHINHO .....	211
A MELANCIA .....	273
DO FUNDO DO TEMPO .....	275
ESPERANDO UM IMPROVÁVEL SOCORRO .....	293
A PORTA DO CERCO .....	297
PERTO DA LEPROSARIA .....	311
ESTA É DO BOCAGE .....	317
AS MINHAS AULAS DE CHINÊS .....	321
TARDE DEMAIS .....	325
UM ÚLTIMO OLHAR .....	329
ACIMA DAS NUVENS .....	331
TÁXI .....	339

## OBRAS DE ALTINO DO TOJAL

### **OS PUTOS**

CONTOS DA LUZ E DAS SOMBRAS

2001

### **VIAGEM A VER O QUE DÁ**

2005

### **ORÁCULO DO JAMAIS**

2005

### **RUÍNAS E GENTE**

2007

### **JOGOS DE LUZ E OUTROS NATAIS**

2008

### **HISTÓRIAS DE MACAU**

*Prefácio de Teresa Sena*

2009